
UM NOVO OLHAR ARTÍSTICO: A CONCEPÇÃO DA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2023.10.01.21-39>

*Bruno de Oliveira da Silva¹
Luciano Torres Tricárico²
Yára Christina Cesário Pereira³*

RESUMO: Durante a primeira década do século XXI o Brasil passou a fazer parte de importantes decisões geopolíticas globais, sendo eleito em 2009 o país-sede da XXXI Olimpíada da Era Moderna. À vista disso, este estudo objetivou elucidar o olhar artístico da equipe criativa durante o processo de concepção da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, perante uma abordagem qualitativa, de alcances exploratório e descritivo com base bibliográfica e documental. As constatações apontam que o evento pode ser compreendido como um novo ciclo de afirmação artístico-identitária devido ao seu planejamento conceitual, dimensão de apresentação dos resultados e consecutiva divulgação, inserindo novos elementos da cultura brasileira por meio da mixagem de variadas formas de arte tradicionais, modernas e contemporâneas, que nos remetem a sentir o perfume da terra-floresta, a imaginar as danças ancestrais e a criar coreografias que impulsionam gestos, visualidades e nos recolocam no caminho onde nossos olhares veem além dos olhos, desvelando a beleza da nossa identidade cultural.

Palavras-chave: Olhar Artístico. Equipe Criativa. Jogos Olímpicos. Cerimônia de Abertura. Rio 2016.

¹ Fotógrafo e pesquisador, possui Licenciatura em História e Licenciatura em Artes Visuais pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Pós-graduação em Artes pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bacharel, Mestre e Doutorando em Turismo e Hotelaria pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria na Escola de Artes, Comunicação e Hospitalidade (EACH) da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Pautou-se nas conexões transdisciplinares de sua formação para desenvolver pesquisas no campo dos estudos visuais. Seus trabalhos têm como principais objetos de investigação: produções fotográficas e fílmicas, e buscam enfatizar a produção heurística e reflexão crítica sobre as imagens. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5811-0689>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8298852539612815>. E-mail: portalbruno.oliveira@gmail.com.

² Graduado, Mestre e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenador do Programa de Pós-graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Desde 2020 é Bolsista Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3307-8229>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9420174776726570>. E-mail: tricarico@univali.br.

³ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) e Pedagogia pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). É professora colaboradora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria na Escola de Artes, Comunicação e Hospitalidade (EACH) da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6502-1860>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5786754476743715>. E-mail: yara@univali.br.

A NEW ARTISTIC PERSPECTIVE: THE CONCEPTION OF RIO 2016 OLYMPIC GAMES OPENING CEREMONY

ABSTRACT: During the first decade of the 21st century, Brazil became part of important global geopolitical decisions, being elected in 2009 the XXXI Olympiad's host country of the Modern Era. Therefore, this study aimed to elucidate the creative team's artistic perspective during the design process of the Opening Ceremony of the Rio 2016 Olympic Games, with a qualitative approach based on a bibliographic and documentary basis. The findings indicate that the event can be understood as a new cycle of artistic-identity affirmation due to its conceptual planning, dimension of presentation of the results, and consecutive disclosure, inserting new elements of Brazilian culture through the mix of various traditional, modern, and contemporary art forms, which lead us to smell the scent of the earth-forest, to imagine ancestral dances, and to create choreographies that propel gestures, visualities, and put us back on the path where there is more than meets the eye, unveiling the beauty of our cultural identity.

Keywords: Artistic Perspective. Creative Team. Olympic Games. Opening Ceremony. Rio 2016.

UNA NUEVA MIRADA ARTÍSTICA: LA CONCEPCIÓN DE LA CEREMONIA DE APERTURA DE LOS JUEGOS OLÍMPICOS DE 2016

RESUMEN: Durante la primera década del siglo XXI, Brasil pasó a formar parte de importantes decisiones geopolíticas globales, y en 2009 fue elegido el país sede de la XXXI Olimpiada de la Era Moderna. En vista de esto, este estudio tuvo como objetivo aclarar la mirada artística del equipo creativo durante el proceso de concepción de la Ceremonia de Apertura de los Juegos Olímpicos de Río 2016 ante un abordaje cualitativo, de alcance exploratorio y descriptivo con base bibliográfica y documental. Los resultados indican que el evento puede ser entendido como un nuevo ciclo de afirmación artística y de identidad debido a su planificación conceptual, dimensión de presentación de resultados y difusión consecutiva, insertando nuevos elementos de la cultura brasileña a través de la mezcla de diversas formas artísticas tradicionales, modernas y contemporáneas, que nos llevan a sentir el perfume de la tierra-bosque, a imaginar danzas ancestrales y a crear coreografías que impulsan gestos, visualidades y nos devuelven al camino donde nuestras miradas ven más allá de los ojos, revelando belleza de nuestra identidad cultural.

Palabras clave: Mirada artística. Equipo Creativo. Juegos Olímpicos. Ceremonia de Apertura. Río 2016.

Introdução

Os diferentes modos de organização social são marcados pelo desenvolvimento da humanidade. Conforme Santos (2012, p. 7), a história registra “com abundância as transformações por que passam as culturas, seja movida por suas forças internas, seja em consequência desses conflitos, mais frequentemente por ambos os motivos”. Devido a isso, ao realizar reflexões sobre cultura, sempre deve ser levada em consideração a “humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência” (Ibid, p. 7).

Os fenômenos humanos são “concretizações de relações e comportamento, materializações da vida social e mental. Isto se aplica à fala, que nada mais é que relações humanas transformadas em som, e também à arte, ciência, economia e política” (ELIAS, 1994: 124-25). Laraia (2000, p. 10) aponta a frase de Confúcio do século IV a.C. “a natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados”; partindo deste princípio podemos refletir que desde a antiguidade, a civilização

humana se preocupava com a diversidade em meio aos modos de comportamentos existentes entre os diversos grupos étnicos.

Um dos fenômenos mais comuns no mundo contemporâneo talvez seja o contato interétnico, que pode ser definido como “as relações que têm lugar entre indivíduos e grupos de diferentes procedências ‘nacionais’” (OLIVEIRA, 2003, p. 117). Esse contato está presente em todos os cantos do planeta, reforçando as singularidades culturais de cada nação, que podem ser definidas por Santos (2012, p. 12) como sendo “tudo aquilo que caracteriza uma população humana”. Para Bourdieu (2005, p. 115) a diferença cultural é “sem dúvida produto de uma dialética histórica da diferenciação cumulativa”.

Entre as diversas materializações culturais, surgiram os eventos, sendo os Jogos Olímpicos um dos mais antigos ainda em ascensão no mundo. Sua primeira edição, parte de uma tradição milenar, datada de 776 a.C. (SWADDLING, 2015; COLLI, 2004). No início eram relacionados segundo historiadores a cultos religiosos dedicados ao deus da mitologia grega Zeus, em decorrência disso, até as guerras paravam, momento conhecido como “Trégua Olímpica”. Historicamente, os jogos foram criados para fornecer unidade ao mundo helênico, que, na época, era dividido em cidades-estados que estavam constantemente em guerra (GIRGINOV; PARRY, 2005).

Conforme afirma Durántez (1996, p. 1), ao longo dos séculos as disputas se sucederam de quatro em quatro anos até o “governo do imperador Romano Teodósio I, quando este colocou fim à tradição no ano de 392 da nossa era”. Os Jogos Olímpicos foram retomados em 1896 por iniciativa do pedagogo e barão francês Pierre de Coubertin com o apoio de 21 países (WEILER, 2004; GIRGINOV; PARRY, 2005; GOLDBLATT, 2016). Por meio de uma ressignificação das tradições gregas inerentes no evento, Coubertin deu ênfase ao culto estético, propulsando as artes por meio de símbolos e espetáculos cerimoniais (LATTIPONGPUN, 2010).

Partindo de um revisão da literatura que enfatiza as produções artísticas das cerimônias de abertura dos jogos como produtos finalizados, surgiu o estudo em questão, que enfoca a concepção de um destes espetáculos e sua relevância histórico-cultural, considerando a atmosfera de uma das maiores audiências globais; logo, o estudo visou elucidar o olhar artístico da equipe criativa no processo de concepção da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, durante a primeira Olimpíada na América do Sul, perante uma abordagem qualitativa, de alcances exploratório e descritivo com base bibliográfica e documental.

Deste modo, iniciamos a explanação com um panorama geral sobre olhares artísticos em cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos, posteriormente realizamos uma breve recapitulação histórica para compreendermos a ascensão da visibilidade internacional do Brasil durante a primeira década do século XXI, que culminou na eleição do país como sede dos maiores eventos esportivos do planeta; e por fim, elucidamos a problemática proposta, com um novo olhar dirigido para o espetáculo durante a sua concepção pela equipe criativa responsável.

Olhares Artísticos em Cerimônias Olímpicas

A arte é uma atividade humana que de acordo com Pinheiro e Crivelaro (2014, p. 11) está “intrinsecamente relacionada a manifestações de ordem estética”, surgindo a partir de “percepções, emoções e ideias do artista, com o objetivo de estimular percepções em outras pessoas”, em geral, toda obra de arte possui um “significado único, embora possa ser entendida de formas diferentes por pessoas de outras culturas”. Deste modo, “a arte é uma forma de o ser humano expressar suas emoções, sua cultura e, conseqüentemente, sua história” (Ibid, p. 11).

Embora não haja consenso, dentre as formas de arte contemporâneas, podem ser citadas: música, dança, pintura, escultura, teatro, literatura, cinema, fotografia, história em quadrinhos, jogos de computador, vídeo e arte digital (PINHEIRO; CRIVELARO, 2014). As manifestações artístico-

culturais podem ser consideradas importantes fatos histórico-sociais, para Moreira e Meucci (2012, p. 86) elas possibilitam “compreender algumas formas de percepção da sociedade numa determinada época”. Portanto, as obras mantêm preservadas mensagens intrínsecas que podem revelar muito sobre a vida social no período em que foram concebidas.

Moreira e Meucci (2012, p. 87) elucidam ainda que “não se trata de procurar na arte mera reprodução dos fatos de uma época. É que, por vezes, a arte inventa a vida de acordo com o que permite a imaginação histórica de determinado período”. Isso quer dizer que a “arte representa de modo emblemático não apenas o que existe concretamente, mas também ‘o que se deseja ver’ e ‘o que não se quer ver’” (Ibid, p. 87), expressando assim, uma notável recorrência quando são abordadas cerimônias olímpicas no decorrer do século XX, passando de meras comemorações a espetáculos suntuosos (SILVA; TRICÁRICO; PEREIRA, 2020a).

Tais eventos são os mais assistidos dentro do megaevento olímpico, exibindo performances identitárias que visam apresentar uma imagem nacional positiva (HOGAN, 2003; TOMLINSON, 1996). Conforme Coubertin (2015, p. 588) o tema das cerimônias é “de praxe um dos mais importantes”, pois a Olimpíada “deve distinguir-se de uma mera série de campeonatos mundiais especialmente pelas cerimônias”, já que elas trazem consigo uma “solenidade e um cerimonial que não podem ficar à margem do prestígio conferidos por seus títulos de nobreza” (Ibid, p. 588).

Para efetuar todas as características citadas, foi necessário com o decorrer das edições, o envolvimento de grandes equipes para as organizações, reunindo profissionais das mais distintas áreas do conhecimento, já que os espetáculos acompanharam ao longo do século os avanços tecnológicos, impulsionados principalmente após a Segunda Guerra Mundial e a consecutiva consolidação da televisão como um meio de comunicação de massa em diferentes partes do planeta, ampliando a dimensão comercial e cultural do evento (FREIRE; RIBEIRO, 2006; SILVA; TRICÁRICO; PEREIRA, 2020b).

Desde então, elementos simbólicos foram inseridos, consolidados, e os eventos foram transmitidos em preto-e-branco, a cores, e por fim em alta definição. Proeminentes nomes do entretenimento mundial estiveram à frente dos shows como Walt Disney na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno em Squaw Valley em 1960 (LLINÉS, 1996), acrescentando uma nova esfera cênica na celebração que a cada edição foi ainda mais ampliada, chegando ao seu ápice em Pequim 2008 com um espetáculo sistemático e tecnológico que exibiu o poder da China como potência mundial.

Tamãha atenção desencadeou direcionamentos especiais, principalmente no que tange a escolha por pessoas que coordenam os espetáculos e também aos seus orçamentos. Como palco de performances nacionalistas, a criatividade e encantamento esperados precisam ser efetivos, marcantes acima de tudo; já que os “estudos mais recentes sobre festas [...] enfatizam que ‘a performance nunca é uma mera interpretação’ ou expressão, mas tem um papel mais ativo, de vez que a cada ocasião o significado é recriado” (BURKE, 2005, p. 123).

Tais características mencionadas precisam projetar um enredo histórico-identitário das nações, promovendo ainda um sentimento de união nacional, tarefa complexa que exige anos de preparação, envolvimento de diferentes esferas governamentais e uma equipe criativa disposta a driblar obstáculos e efetivar algo “singular”, unindo as diferentes formas de arte durante a realização do espetáculo, para assim buscar alcançar uma repercussão midiática de cunho positivo em nível global.

O Brasil Conquista sua “Cidadania Internacional”

Em setembro de 2007 o Brasil inicia o processo de candidatura aos Jogos Olímpicos para sediar a XXXI Olimpíada da Era Moderna, após o relativo sucesso da XV edição dos Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos Rio 2007 (elogiados pelo então presidente do Comitê Olímpico Internacional

- COI Jacques Rogge), tendo o comitê organizador do evento concorrido ao Emmy com a cerimônia de abertura em 2008 nas categorias: melhor direção de arte, melhor iluminação e melhor figurino, sendo vencedor nesta última (NIEMEYER, 2008).

Com o auxílio advindo da organização do Pan e depois de duas tentativas a candidatura aos Jogos Olímpicos eliminadas pelo COI, o Rio de Janeiro passa na primeira fase do processo (RANGEL, 2007). No dia 02 de outubro de 2009 foi anunciado em Copenhague na Dinamarca, que a cidade havia vencido as concorrentes Madri, Tóquio e Chicago, se tornando a sede da primeira edição dos Jogos Olímpicos na América do Sul (COI, 2018). Nas palavras do então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva (2009, informação verbal), este foi o dia em que “o Brasil conquistou sua cidadania internacional”.

Para o prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes (2015, informação verbal) a Olimpíada é uma “decisão geopolítica”, e o momento em que o país foi escolhido para sediá-la englobava a “percepção mundial de que o Brasil tinha conquistas importantes” em uma nação “que tinha avançado”, ocupando “um protagonismo na geopolítica mundial”. Nos anos que se sucederam, a cidade carioca foi exposta aos principais eventos e megaeventos esportivos do mundo, sediando os Jogos Mundiais Militares em 2011, a Copa das Confederações - FIFA 2013 e a Copa do Mundo FIFA - 2014.

Entretanto, a recepção negativa do público e da imprensa internacional⁴ após a Cerimônia de Abertura da Copa do Mundo FIFA - 2014 levantou desconfianças sobre o êxito da Cerimônia Olímpica Rio 2016. As piadas em torno da cerimônia foram mundiais, tanto que Barry Glendenning do jornal britânico *The Guardian* (2014) ‘tradução livre’ chegou a satirizar: “está tudo bonito, mas não consigo parar de pensar que teria sido melhor se tivessem colocado o Neymar em campo para fazer duas horas de embaixadinhas”. Embora o desapontamento tenha sido geral, a frustração e sentimento de vergonha nacional ficaram muito acentuados entre os brasileiros, repercutindo naturalmente em uma cobertura de memes na internet (Figura 1).



Figura 1 – Meme Cerimônia de Abertura - Copa do Mundo FIFA 2014. Fonte: G1 (2014).

Diferentes artistas realizaram críticas ao espetáculo apresentado durante a Cerimônia de Abertura da Copa do Mundo FIFA - 2014, como o cantor e compositor brasileiro Alceu Valença, onde o tom de desagrado pode ser percebido conforme depoimento postado em sua conta na rede social *Facebook*:

⁴ A Cerimônia de Abertura da Copa do Mundo FIFA - 2014 foi concebida por dois estrangeiros (principal crítica na época), o ex-diretor do *Cirque du Soleil* Franco Dragone e pela belga Daphné Cornez. O espetáculo chegou a ser definido como “amador” pelo Jornal AS da Espanha.

[...] A coreografia apresentada para o mundo que tentava mostrar o Brasil era pobre, insossa e beirava ao ridículo. A nossa diversidade cultural que é VIVA, ALEGRE e ESPONTÂNEA foi representada por uma palidez mórbida, plastificada. O Brasil precisa mostrar para dentro e para fora sua verdade cultural: festas juninas, carnavais, folguedos, bumba-meu-boi, reisados, capoeira, frevo, maracatu, afoxé, coco, ciranda, samba... Temos grandes coreógrafos e a Marques de Sapucaí é prova viva disso. Agora, sobre a música que representa a Copa do Brasil, tenho a dizer: um arranjado vergonhoso. Sonoridade medíocre que não tem nada a ver com a gente. Será que temos que carregar a vida toda esse complexo de vira-latas e sermos carne de segunda? [VALENÇA, 2014, s.p.].

Entretanto, cabe salientar que comparar os espetáculos de abertura de Jogos Olímpicos e Copa do Mundo de futebol é um equívoco, afinal são eventos distintos, tanto em proporções quanto em tradição, mas a sociedade deposita em ambos, grandes expectativas. Uma cerimônia de Copa do Mundo tem característica de ser curta, realizada durante o dia, com breves apresentações culturais e sem muitos protocolos, completamente o oposto de uma cerimônia olímpica, que conta com horas de transmissão, protocolo extenso, dezenas de países a mais participando e uma estética noturna, que favorece a amplitude cênica.

Não obstante, diversas notícias internacionais fizeram com que houvesse repercussões negativas durante o processo de organização dos Jogos Olímpicos Rio 2016, especialmente sobre os casos de contaminação das águas onde ocorreriam competições, ameaças de infecção pelo vírus zika (ZIKV) e principalmente a segurança do evento, que durante o período sofreu diversas oscilações orçamentárias, refletindo no segmento das cerimônias, principalmente pelo fato de terem ocorrido muitos atentados terroristas no mundo (MCGOWAN, 2016).

Um Novo Olhar Artístico: Cerimônia de Abertura Rio 2016

Apesar do período de crise econômica, política, social e ética no Brasil, o Comitê Organizador Rio 2016 focou seus esforços para buscar realizar a primeira edição dos Jogos Olímpicos na América do Sul (MORSCH, 2016); abriu inicialmente uma licitação, que resultou na contratação da empresa “Cerimônias Cariocas 2016” para realização das cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Essa empresa é o resultado da união com a agência brasileira de *brand experience* SRCOM com a *holding* italiana de eventos Filmmaster, que visou agregar criação, produção e planejamento (CERIMÔNIAS CARIOCAS 2016, 2018; RIO 2016, 2016).

A árdua tarefa de concepção do espetáculo inaugural coube a três diretores de televisão e cinema brasileiros que juntos compuseram a equipe criativa: Andrucha Waddington foi diretor criativo, dirigiu filmes como “Eu Tu Eles” (2000), “Outros (Doces) Bárbaros” (2002) ; Daniela Thomas foi diretora criativa e diretora de arte, dirigiu com Walter Salles o filme “Terra Estrangeira” (1995); e Fernando Meirelles último diretor criativo do espetáculo, foi diretor de filmes como “Cidade de Deus” (2002), “O Jardineiro Fiel” (2005) e “Ensaio Sobre a Cegueira” (2008). Juntos buscaram fugir dos estereótipos e apresentar a real gênese do Brasil (EBC, 2016; RIO 2016, 2016).

Na Figura 2 são apresentados os responsáveis pelas cerimônias de abertura e a de encerramento comandada por Rosa Magalhães. Destaca-se ainda que o diretor Fernando Meirelles esteve envolvido com o projeto Rio 2016 do começo ao fim. Ele dirigiu pela O2 Filmes em 2009, ainda durante o processo de candidatura da cidade, o vídeo “*Passion United Us*”, apresentado aos dirigentes do COI em Copenhague na Dinamarca durante a escolha final da cidade anfitriã. O vídeo emocionou os participantes, tornando assim o propulsor estético final para a decisão que levou o Rio de Janeiro a vencer Madri por 66 votos contra 32 no dia 02 de outubro.



Figura 2 – Responsáveis pelas cerimônias dos Jogos Olímpicos Rio 2016 em coletiva de imprensa.
Fonte: Governo do Brasil (2016).

O espetáculo teve produção executiva de Abel Gomes, coreografia da premiada bailarina, coreógrafa brasileira e primeira mulher a dirigir um show do Cirque du Soleil, Deborah Colker, figurinos de Claudia Kopke, trilha sonora de Antônio Alves Pinto, compositor de trilhas marcantes como “Central do Brasil” (1998), “Cidade de Deus” (2002), “Senna: O Brasileiro, O Herói, O Campeão” (2010) entre outras e Beto Villares, direção de projeção a cargo de Fabião Soares, direção de design visual com Olivia Ferreira e Pedro Garavaglia dentre outros nomes de referência nacional e internacional na organização de eventos desta proporção (RIO 2016, 2016).

Com toda a equipe definida, o termo “criatividade” foi o norteador de todo o processo de concepção do espetáculo olímpico, que buscou transformar um discurso literário em cinematográfico, tendo o roteiro passado por diversos tratamentos. Daniela Thomas (2017) revelou que assistiu à cerimônia de Sochi na Rússia em 2014 onde viu pela primeira vez uma projeção de alta qualidade no palco principal⁵, que embora fosse cara, conseguiria suprir o enxuto orçamento para o preenchimento de tempo, beleza e articulação do show brasileiro.

Thomas (2016, informação verbal), em coletiva de imprensa antes da cerimônia de abertura ocorrer, afirmou que a equipe de criação foi “atrás de todo repertório analógico”, analisando a história desde a Grécia até a Roma Antiga quando se realizavam “shows incríveis”, mesmo sem grandes tecnologias, onde “gladiadores tinham espetáculos extraordinários”. Assim, outro pilar do espetáculo Rio 2016 seria pautado na palavra “encantamento”. Para ela, a equipe deveria “encantar” durante todas as horas da cerimônia, um desafio difícil devido aos atos protocolares tradicionais.

Sendo assim, a diretora ressalta que a parte artística foi concebida para deixar as pessoas “emocionadas, felizes, dançantes e comovidas”. Contudo, para que esse resultado esperado fosse de fato efetuado, os envolvidos tiveram que enfrentar ao longo do processo de preparação, diferentes estágios de adversidades, que foram essenciais para a formação do “espírito” do espetáculo. Dentre as dificuldades enfrentadas pela equipe criativa, podem ser ressaltadas as questões de:

I. Sintetização.

Fernando Meirelles explicou à Empresa Brasil de Comunicação - EBC (2016, s.p.) sobre a complexidade em sintetizar toda uma nação: “é difícil você tentar mostrar o Brasil, certamente alguém se sentirá não representado”. Ele afirmou que antes da equipe criativa esboçar qualquer ideia,

⁵ A técnica chamada “*projection mapping*”, consiste “na criação de um conteúdo e projeção do mesmo, adaptada a quaisquer superfícies não-convencionais” (ANDRADE, 2018, p. 27).

ocorreram diálogos com intelectuais brasileiros para uma melhor compreensão sobre a forma de narrar o país; “digerimos isso, foram muitas horas, e chegamos a uma síntese que é a base do nosso conceito”.

Ainda de acordo com a EBC (2016, s.p.) o ano de 2013 foi marcado por uma fase denominada “pesquisa conceitual”, que envolveu nomes de relevância nacional no assunto “cultura” como Caetano Veloso, João Moreira Salles, Max Viana, Gilberto Gil, Hermano Vianna, José Miguel Wisnik dentre outros. Segundo o diretor de cerimônias do Comitê Organizador Rio 2016, Leonardo Caetano, “oito grupos de dez pessoas discutiram o tema por quatro horas cada, durante um mês e meio”.

Conforme Daniela Thomas (2017), os diretores foram indicados pelos nomes anteriormente citados a consultarem obras como “Visão do Paraíso” do historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda, “Esquema Geral da Nova Objetividade” de Hélio Oiticica e o “Manifesto Antropófago”, texto escrito por Oswald de Andrade, um dos principais agitadores culturais durante o Movimento Modernista brasileiro. Assim, após um estudo ampliado, questões construtivas da geometria, arte brasileira, música e arquitetura balizaram a criação visual do espetáculo.

Thomas (2017, informação verbal) salienta que a busca por nomes como Athos Bulcão, Oscar Niemeyer, Burle Marx, Beatriz Ferreira Milhazes e Franklin Cassaro firmou segurança durante a criação do espetáculo, por proporcionar “qualidade” com as obras destes e outros artistas nacionais que foram trazidas para dentro da cerimônia, construindo a ideia do “espírito nacional, cultural, uma identidade brasileira”, envolvendo tanto as formas de arte tradicionais, modernas e também as contemporâneas como no primeiro ato do espetáculo, quando folhas de papel metalizado são infladas com ar (formando almofadas denominadas *pillows*, inspiradas na obra “Abrigo” de Cassaro) englobam a performance com uma concepção plástica.

O diretor Fernando Meirelles afirmou a O2 Filmes (2016) que ao ser pressionado sobre a forma que o Brasil seria retratado no espetáculo, o produtor executivo Abel Gomes apresentou o projeto para a então Presidente da República Dilma Rousseff, que o aprovou com entusiasmo, evitando assim, uma eventual intervenção futura por parte governamental. A partir daí, iniciou a formação e detalhamento dos segmentos, tendo sempre em mente dois limites: orçamento e espaço (MEIRELLES, 2015).

II. Orçamento.

As cerimônias olímpicas de Pequim 2008 e Londres 2012 impressionaram o mundo com tecnologias de última geração. Fernando Meireles afirmou à EBC (2016, s.p.) que a equipe criativa não teve acesso aos números oficiais de seus custos, mas que profissionais do mercado levantaram estimativas. Portanto, a cerimônia brasileira teria “dez vezes menos” o orçamento de Londres e “vinte vezes menos” o de Pequim. Analistas estimaram que a conta britânica equivaleria a R\$ 127 milhões (FILIPO, 2015).

O momento econômico difícil pelo qual o país passa foi levado em conta, pois o diretor afirmou ainda à EBC (2016, s.p.) que seria “sensato usar bom conceito, bom gosto”, e que o evento não se concretizaria como “*high tech*” e sim “*high concept*”. Leonardo Caetano diretor de cerimônias da Rio 2016, reiterou: “Não vamos competir na categoria luxo, vamos competir na categoria originalidade”. Meirelles afirmou à revista *Veja* (2015, s.p.) que sentiria vergonha caso fosse gasto o valor de Londres 2012 “em um país onde necessitamos tanto de saúde. Estou muito satisfeito de não gastar o dinheiro como louco. Vamos apostar em bom conceito e bom gosto, sem esbanjar”.

Ele complementou ainda à *Veja* (2015, s.p.) que a criatividade dos brasileiros permitiria contornar as dificuldades e fez um breve comparativo entre as cerimônias anteriores de Atenas, Pequim e Londres, de que elas “mostraram o legado desses três países” e que o espetáculo brasileiro iria mostrar o espírito do povo, principalmente a sua alegria. Daniela Thomas afirmou também que “falar de Brasil

é falar de irreverência, alegria, bom humor. O clichê é a maneira que você usa para comunicar e atingir as pessoas”.

A diretora (2016, s.p.) comentou sobre o fato de o orçamento para o espetáculo estar abaixo da expectativa em relação ao tamanho do show, e que eles (diretores) e os brasileiros estão acostumados com o importante espírito da “gambiarra”⁶, que em suas palavras seria traduzido como “magaiverismo”⁷, ou seja, “não temos com que fazer mas temos que fazer, então faremos”. Para a diretora, estar inserido em um contexto de criação guiado pela gambiarra não é algo sacrificante, pelo contrário o termo leva a “pura criação” (como o resultado das bicicletas durante o desfile das delegações, uma verdadeira gambiarra criativa).

Meirelles afirmou em entrevista à O2 Filmes (2016) que a cerimônia foi redesenhada 4 vezes acompanhando os cortes orçamentários. Primeiro uma reforma no Maracanã visando a ampliação dos túneis de acesso foi barrada; posteriormente o projeto passou para a praia de Botafogo tendo como fundo o bondinho do Pão de Açúcar, porém, os gastos com estruturas como arquibancadas e locação para imprensa levou a inviabilização; depois a ideia foi direcionada ao Sambódromo, que após novo corte de gastos, conduziu o espetáculo novamente para o Maracanã.

III. Local.

Não se poderia pensar em outro palco para esse espetáculo se não o Estádio Jornalista Mário Filho, popularmente conhecido como Maracanã; construído para a Copa do Mundo FIFA - 1950, símbolo do futebol brasileiro, se tornou um local emblemático do esporte mundial. Apesar de ter sido reformado para a Copa do Mundo FIFA - 2014, o Maracanã que não é um estádio olímpico⁸, apresentava dificuldades estruturais para receber um evento com as proporções necessárias.

Conforme Flávio Machado no documentário “CC2016 Os Bastidores de um Sonho” (2017), desde as primeiras reuniões criativas foi discutido o que deveria ser feito para transformar o Maracanã em um teatro. Meirelles afirmou à EBC (2016) que devido às poucas portas de acesso e as dimensões do estádio, “limites logísticos” foram detectados para a inserção de grandes elementos cênicos, que poderiam atrapalhar a visão dos expectadores nas arquibancadas. Ele complementou ainda que tais hipóteses levaram a equipe a criar soluções, e que isso os animou, concebendo a cerimônia com foco em manualidades, técnicas milenares de teatralização.

O espetáculo teve o enredo pensado desde o surgimento da vida na terra, utilizando a cultura do território brasileiro como plano de fundo para terminar com uma reflexão sobre o futuro, transmitindo mensagens de preservação e conservação do meio ambiente, tolerância, paz e respeito. Conforme Abel Gomes no documentário “CC2016 Os Bastidores de um Sonho” (2017), a equipe multitécnica da cerimônia era composta por mais de 500 pessoas, dentre elas, designers, *cast*, técnicos de som, luz, projeção, entre outros, além dos 3.000 voluntários e dançarinos profissionais, dos quais 72 compunham o Grupo Pindorama ligado ao Festival de Parintins. Vale destacar que um número expressivo de participantes tem suas vidas vinculadas às artes de rua e ao carnaval carioca.

Vale destacar que a percepção a respeito da cerimônia de abertura dentro do megaevento olímpico é dividida entre o público ao vivo presente no estádio, público televisivo (DAYAN; KATZ, 1994), e hoje também o público digital por meio da internet; sendo assim, a audiência é segmentada entre público interno e externo (TRAGNOU, 2010). Desta forma, o diretor Fernando Meirelles mencionou

⁶ Definição brasileira para a prática cultural que consiste em improvisar soluções para os problemas com os materiais disponíveis no momento.

⁷ Referência à série de televisão americana de 1985 “MacGyver”, onde um jovem usa de inventividade e sua capacidade de improvisação para se tornar um herói.

⁸ Por não conter mais a pista de atletismo em volta do gramado de futebol acarretando um espaço menor.

que a cerimônia foi planejada para a televisão, e que embora o espetáculo seja um show com milhares de pessoas presentes, as principais concepções imagéticas são elaboradas com o foco das câmeras que transmitem o evento para o número de bilhões de telespectadores.

No documentário “VIVA - *The Opening Ceremony Documentary of Rio 2016*” (2017), Fernando Meirelles descreveu que a sensação de realizar um espetáculo desta amplitude era “apavorante”. Os diretores acentuaram que a pressão sobre o sucesso da cerimônia gerou pânico, e que a expectativa para que tudo desse certo, se esbarrava na lei de Murphy que para Daniela Thomas é impossibilidade, ou seja “tragédia anunciada”. Porém, ela afirmou que gostaria que o espetáculo transcorresse como um relógio suíço. Meirelles explicou que o enredo foi dividido em três pilares fundamentais: “jardim” - o cuidado com o meio ambiente, “brasileiro” - o próprio povo e pôr fim a “alegria” - o espírito nacional.

Na Figura 3 são descritos junto a seus conteúdos os 20 segmentos do espetáculo, evidenciando as escolhas de elementos simbólicos, identitários, culturais e artísticos da equipe criativa a partir de toda a sistemática preparação. Ressalta-se que a cerimônia embora tenha sido organizada por célebres mentes brasileiras, foi de fato “executada” no grande momento de exibição (que não poderia ser refeito, ou filmado novamente) de acordo com Harss (2016) por 3.000 voluntários e 114 dançarinos profissionais de diferentes estilos e áreas, orientados por Deborah Colker que mencionou ter estimulado as pessoas a colocarem suas personalidades nas danças, buscando traduzir os estilos singulares do Brasil.

1. Vídeo de Abertura	Apresenta o início do espetáculo com imagens aéreas do Rio de Janeiro ao som de "Aquele Abraço" de Gilberto Gil entoado por Luiz Melodia.
2. Bem-Vindos	O formato do palco principal remete a um jardim de Roberto Burle Marx, onde voluntários formam uma estampa de Athos Bulcão. Por fim, o símbolo da Paz com o Planeta de Ziraldo é exibido.
3. A Bandeira Nacional e o Hino	O hino nacional é executado por Paulinho da Viola que expressa um hino não marcial. O formato dos palcos protocolar e de performance remetem às formas do arquiteto Oscar Niemeyer.
4. Pindorama: O Nascimento da Vida	Por meio de uma estética orgânica, ocorre a simulação do início da vida com os microorganismos, posteriormente com o aparecimento das florestas surge a vida humana: os indígenas brasileiros.
5. Geometrização	Inicia-se a trajetória de povoação do Brasil simbolizada por portugueses, africanos, sírio-libaneses e japoneses. Conforme avançam, deixam seus rastros iconográficos no solo, modificando a paisagem.
6. Metrópolis	Ao som de "Construção" de Chico Buarque surge o Brasil contemporâneo com as grandes metrópoles. Ocorre aqui a celebração de uma conquista da humanidade: Santos Dumont levanta voo com o 14Bis.
7. Bossa	Após um sobrevoo noturno no Rio, o 14Bis passa pela praia de Ipanema invocando Tom Jobim e a Garota de Ipanema personalizada por Gisele Bündchen. Em seu desfile, surgem traços de Niemeyer.
8. POP: As Vozes do Morro	Passando a praia de Ipanema surge a favela. A cidade se transforma em uma jukebox de música. Funk, MPB e Samba são apresentados com vozes proeminentes da favela carioca como Elza Soares.
9. POP: Empoderamento	Chega a reviravolta histórica: um tributo para a contribuição dos africanos à cultura popular do Brasil. Ocorrem movimentos de Capoeira enquanto Mc Soffia e Karol Conka cantam sobre empoderamento.
10. POP: As Disputas	É apresentada a crescente intolerância que ocorre com as diferenças no planeta. Manifestações folclóricas como as espadas de Cruz das Almas, grupos de Maracatu e Bate-Bolas simbolizam embates.
11. POP: O País Tropical	Após as disputas ocorre a representação de um baile charme de Madureira onde todos se juntam para dançar a música "País Tropical" de Jorge Ben Jor, referenciando o gosto brasileiro pela alegria.
12. Depois da Festa	São exibidos mapas inspirados em modelos da NASA, com projeções alarmantes a respeito do que poderá ocorrer no mundo caso não haja a diminuição do aquecimento global.
13. Uma Ideia Simples que Ajuda Muito	É declamado o poema "A Flor e a Náusea" de Carlos Drummond de Andrade enquanto imagens de projetos de reflorestamento no mundo são exibidas.
14. Parada dos Atletas: os Plantadores da Floresta	É anunciado que todos os atletas plantarão sementes de árvores nativas do Brasil durante a entrada das delegações no estádio.
15. Surgem os Aros Olímpicos	Os tótems onde as sementes foram depositadas são levados ao centro do palco e lá são abertos, revelando os aros olímpicos verdes, ocorrendo a simulação da "Floresta dos Atletas".
16. Discursos e a Pomba da Paz	As pombas da paz surgem em formato de pipas de papel, que compõem a paisagem carioca e do Brasil. Sobre elas, mensagens de paz foram escritas por crianças.
17. Abertura dos Jogos e a Bandeira Olímpica	O então Presidente interino da República Federativa do Brasil, Michel Temer anuncia os Jogos Olímpicos abertos. A bandeira olímpica é içada no palco protocolar.
18. Hino Olímpico e Juramentos	Ocorre a execução do hino olímpico com o coro de 40 crianças do Projeto More, uma ONG criada em 2006 que auxilia diariamente comunidades locais em Niterói/RJ.
19. Apoteose	Um desfile carnavalesco surge em plena "Marquês de Sapucaí". Caetano Veloso, Gilberto Gil e Anitta cantam "Isso Aqui, o que É?" de Ary Barroso.
20. A Pira Olímpica Rio 2016	A menor Pira Olímpica da história surge simbolizando o Sol sobre as paisagens cariocas. O Cristo Redentor é exibido do alto enquanto o show pirotécnico encerra o espetáculo.

Figura 3 – Segmentos da Cerimônia de Abertura Rio 2016. Fonte: Adaptado do *Media Guide Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016* (2016).

De acordo com Deborah Colker no documentário “VIVA - *The Opening Ceremony Documentary of Rio 2016*” (2017, informação verbal) ela incorporou toda a sua pesquisa de trabalho artístico desenvolvida ao longo de 20 anos, realçando suas “buscas de linguagem” e a “investigação do movimento com o espaço, de contar histórias, sentimentos e ideias através do corpo”. A coreógrafa, menciona que levantou questões sobre quem deveria estar presente no espetáculo, até perceber que a

“rua” deveria se fazer presente por meio das danças urbanas, que compõem uma das características do “Rio e do Brasil”.

Colker explicou que dançarinos do Festival de Parintins foram convidados a participar do espetáculo, mesclando as danças indígenas com a movimentação de elásticos brilhantados pela projeção. Esta conjuntura visava recriar padrões de sua arte, constituindo assim, diferentes formas até estruturar três ocas de grandes dimensões no centro do palco, uma imagem singular. De acordo com Harss (2016), Deborah salienta que a ideia da dança ligada aos elásticos era de exibir um Brasil anterior à colonização, representando a monumentalidade da natureza nacional sob uma estética orgânica (a Figura 04 representa o momento de movimentação dos elásticos que formam na sequência três grandes ocas indígenas).



Figura 04 – Manipulação dos elásticos pelos dançarinos de Parintins. Fonte: Vogue (2016).

Também no documentário (2017), Andrucha Waddington menciona que os diretores trouxeram para a cerimônia tudo que vivenciaram no decorrer de suas vidas relacionado às artes, incorporando na elaboração deste novo produto cultural, suas experiências com teatro e cinema. Daniela Thomas (2017) conta que houve uma inovação técnica com a realização do espetáculo brasileiro: a união e o equilíbrio entre luz e projeção, sem que um elemento se sobressaísse ao outro, citando o momento em prédios são elevados no palco, não demonstrando a sensação de uma imagem projetada e sim uma sensação física devido a qualidade visual e da luz.

Quanto aos rituais tradicionais das cerimônias, ocorreu ainda uma inovação referente à Pira Olímpica idealizada para a edição brasileira com autoria do escultor cinético Anthony Howe, que ao visitar o Rio de Janeiro percebeu a importância do Sol para a cidade e o país, elencando-o como símbolo ideal, concebendo assim um modelo de escultura movida a energia eólica (apenas a versão permanente que se encontra em frente à Igreja da Candelária no novo Boulevard Olímpico segue esse conceito, a versão exibida no estádio não).

Em frente à escultura, um pequeno caldeirão com a chama trazida da Grécia foi içado, refletindo luz em suas esferas, que ampliaram sua dimensão e exibiram a menor Pira Olímpica da história, visando assim, a menor emissão de gases poluentes. Como elemento adicional pode ser citado o show pirotécnico dirigido por Christophe Berthonneau que direciona também a uma arte de manipulação de fogos de artifício, construindo formas que remetem também à flora brasileira em distintos movimentos até a culminação final do espetáculo, cuja exibição televisiva focalizou o estádio do Maracanã pela perspectiva do Cristo Redentor no topo do Corcovado.

Estes novos olhares artísticos durante a concepção de um megaevento de proporções mundiais, abarcando elementos simbólicos de tradição olímpica, salientam a importância de um trabalho em equipe reunindo diferentes saberes, e *insights* advindos de mentes pertencentes ao território nacional em que o evento é organizado, como na indústria do carnaval carioca que respaldou a confecção de elementos. Tal convicção pode ser ilustrada pelo distinto tom da repercussão oriunda da cerimônia Rio 2016 em comparação com a da Copa do Mundo FIFA - 2014, como exemplo de um dos memes que teve ampla circulação na internet (Figura 05).

Quem nasceu abertura da copa jamais será
abertura das olimpíadas
#CerimoniaDeAbertura 🌈

View translation



Figura 05 – Meme Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Fonte: G1 (2016).

Mesmo após tantas incertezas e insegurança, os diretores entregaram o espetáculo ao mundo no dia 05 de agosto de 2016. A repercussão global foi positiva frente às baixas expectativas, desencadeando destaque em jornais internacionais, como no *USA Today* (2016, s.p.) ‘tradução livre’ que estampou: “Quem precisa de dinheiro? A cerimônia Olímpica tinha uma consciência”. Acrescentou ainda que durante anos “o mundo achou que o Rio não conseguiria realizar os jogos, que se ouviu muito sobre os problemas da cidade, e agora vocês fazem uma cerimônia que será lembrada por gerações”.

Durante um período complexo, em pleno processo de *impeachment* da então Presidente da República Dilma Rousseff, o início dos jogos disseminou um amplo sentimento de orgulho nacional, conforme pode ser percebido no relato de Gustavo Mesa do site Esporte Band (2016, s.p.): “Sabe o brasileiro com complexo de vira-lata (como diria Nelson Rodrigues), aquele acostumado em falar mal do país e exaltar tudo que vem de fora? Ele com certeza mordeu a língua na noite desta sexta-feira”, reforçando ainda que: “Pareceu uma festa nossa para nós mesmos, com a animação e descontração típicas dos brasileiros”.

Tal comentário rememora a atmosfera negativa que circundou a cerimônia da Copa do Mundo FIFA - 2014, devido a concepção do espetáculo por estrangeiros. Fernando Meirelles em entrevista à Globo News (2016, s.p.) afirmou que o espetáculo Rio 2016 foi sincero, pois não escondeu a verdade sobre o país, mostrando a escravização dos africanos, as favelas, as vozes das ruas. Já Andrucha Waddington explicou que a mídia espontânea gerada pelo espetáculo se deu por que “tocou o coração, emocionou e contagiou” as pessoas. Conforme Pinheiro (2016) no fim de 2016, a Associação Paulista de Críticos de Arte - APCA concedeu o prêmio “Fronteiras da Arquitetura” para o espetáculo.

Posteriormente com o término dos Jogos Olímpicos Rio 2016, ocorreram diversos problemas no balanço financeiro que impactaram o principal legado projetado para o mundo durante a cerimônia

de abertura: o plantio da Floreta dos Atletas (com suas mais de 13.000 mudas de 207 espécies nativas da Mata Atlântica brasileira), que somente foi concluído três anos após o evento, proporcionando assim a “revitalização da área degradada nas últimas décadas” (EBC, 2019, s.p.) no Parque Radical de Deodoro, local das competições de canoagem *slalom*, ciclismo e *mountain bike* durante os jogos.

Considerações Finais

As cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos se posicionaram ao longo das décadas do século XX como eventos de enormes proporções, apresentando as identidades nacionais previamente delimitadas pelos organizadores com aval dos governos que lideraram os respectivos países. Entretanto, uma “imagem ideal” muitas vezes torna-se discrepante da realidade nacional, como mencionado por Fernando Meirelles em entrevista à Globo News (2016) sobre os Jogos Olímpicos de Pequim 2008, pois não exibiram a revolução cultural, a pobreza da China, dentre outras realidades.

Mesmo o Brasil passando por um momento histórico discrepante do qual recebeu o megaevento em 2009, enfrentando uma grave recessão econômica, crise política, social e ética, foram firmados esforços governamentais para concretização dos Jogos Olímpicos, e apesar das dificuldades financeiras, o Comitê Organizador Rio 2016 procurou não retratar o país pela visão de estrangeiros, escolhendo diretores de televisão e cinema brasileiros (EBC, 2016), que executaram um trabalho exaltado pela delicadeza e singularidade artística, demonstrada por meio da vasta gama de detalhes referenciando distintos momentos histórico-culturais do Brasil.

O enredo da cerimônia foi dividido por fim em três eixos: jardim, a natureza, o povo brasileiro e a alegria, um retrato da identidade nacional unida à receptividade. Os diretores buscaram apresentar também a tolerância necessária em tempos como os que estão sendo escritos na historiografia global. Entretanto, apesar de a população brasileira ser composta por diferentes etnias, em território nacional o termo “tolerância” ainda não está efetivado em sua completude (SILVA; TRICÁRICO; PEREIRA, 2019).

Conforme os diretores, o espetáculo Rio 2016 foi transparente, pois seu enredo se mostrou eficaz na tangente histórica, quando soube fazer uma autocrítica, exibindo as mazelas nacionais e a reviravolta dos personagens oprimidos, apresentando momentos importantes na concepção da nação, positivos e negativos como é o caso do processo de escravização. Esse fato histórico está presente com a entrada dos africanos escravizados carregando pesos e barras, realizando agachamentos sob o som das chibatadas. Posteriormente ocorre a reviravolta, ingressam as mulheres negras “empoderadas” para cantar um rap sobre o poder das mulheres na sociedade contemporânea.

Vale salientar que nesta solenidade de abertura, foi enfatizada a presença de importantes nomes da cultura nacional, como Oscar Niemeyer, Athos Bulcão, Ziraldo, Roberto Burle Marx, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Cabe um adendo ao fato de que o Comitê Organizador era incumbido de realizar ao todo 4 cerimônias, e portanto, foram realizadas “escolhas”; justamente na cerimônia de encerramento, outros artistas, dentre eles Tarsila do Amaral e Carmen Miranda, manifestações culturais como a arte rupestre presente no Parque Nacional Serra da Capivara, patrimônios culturais ilustrados pela renda de bilro e a importância do barro para a cultura popular, foram abordados.

Apesar disso, a equipe criativa do espetáculo buscou um olhar artístico diferenciado para sua concepção, sendo idealizado por brasileiros para brasileiros e isso definiu em grande parte, o sucesso recebido; totalmente divergente da Cerimônia de Abertura da Copa do Mundo FIFA - 2014. O show criou inovações com a arte, inspirando uma nova linguagem artística que remete a vocação “antropofágica” nacional desde o início do projeto, quando Daniela Thomas percebe em Sochi, a

possibilidade em utilizar o sistema de projeção na cerimônia brasileira como uma espécie de “gambiarra” tecnológico-imagética para driblar o enxuto orçamento.

Com o transcorrer da evolução deste trabalho percebeu-se que o processo de organização da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 pode ser compreendido como uma nova etapa, ou, um novo ciclo de afirmação artístico-identitária na cultura brasileira, devido ao seu planejamento conceitual, dimensão de apresentação dos resultados e consecutiva divulgação nacional e internacional, por meio de sua transmissão audiovisual realizada por 500 emissoras de televisão no mundo, para uma audiência estimada em cinco bilhões de pessoas (COI, 2017).

O evento contribuiu com a inserção de novos elementos identitários da cultural nacional, que há quase 100 anos atrás não haviam sido levados em consideração, como a cultura da rua, as vozes das favelas, dos locais menos favorecidos pelos governos democráticos da República, que foram colocadas no centro do palco. Locais que geram hoje alguns dos principais gêneros musicais do Brasil, que se dispersam entre as rádios e os serviços de *streaming*, *podcast* e vídeo (como o funk carioca). Artistas como Elza Soares, Karol Conka e Mc Soffia representaram a luta diária pela igualdade de gênero na sociedade brasileira.

No que tange o espetáculo como um marco artístico, podem ser ressaltadas ainda as diferentes mixagens das variadas formas de arte tradicionais, modernas e contemporâneas, como a união entre projeção e manualidades, concepções plásticas e performances, luz e escultura cinética, técnicas de cinema para a gravação e transmissão do evento, a utilização planejada da pirotecnia com o som, entre outras. Neste ínterim, destaca-se a importância da compreensão a respeito da concepção de um espetáculo desta magnitude e suas significâncias para a arte e história de sua cidade e país-sede, podendo vir a se concretizar como um marco cultural.

Em suma, é importante ressaltar que a produção de um espetáculo olímpico está diretamente ligada à arte, e que esta, está vinculada intrinsecamente com o contexto em que foi produzida. Acentua-se destarte, que o objeto de estudo apresentou as diversas vozes do Brasil, desde o visionário Santos-Dumont até os silenciados moradores das favelas, por meio de trabalhos cênicos, artísticos e técnicos que necessitaram de um extenso planejamento conceitual entre o passado e o presente do país, despertando um sentimento de orgulho nacional durante este período sombrio na história brasileira.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rachel Batista Borges Aranha. *Projection Mapping: um Estudo de Caso da Cerimônia de Encerramento das Olimpíadas Rio 2016*. 2018. 70 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Cinema e Audiovisual, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 8. ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?*. Tradução de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CERIMÔNIAS CARIOCAS 2016. *CC2016 os Bastidores de um Sonho*. 2017. Disponível em: <https://vimeo.com/191000794>. Acesso em: 01 abr. 2019.

_____. *Sobre Nós*. 2018. Disponível em: <https://www.linkedin.com/company/cerimônias-cariocas-2016/?originalSubdomain=pt>. Acesso em: 25 out. 2018.

COLLI, Eduardo. *Universo Olímpico: Uma Enciclopédia das Olimpíadas*. São Paulo: Códex, 2004.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. *Global Broadcast and Audience Report: Olympic Games Rio 2016*. 2017. Disponível em: https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Games/Summer-Games/Games-Rio-2016-Olympic-Games/Media-Guide-for-Rio-2016/Global-Broadcast-and-Audience-Report-Rio-2016.pdf#_ga=2.228054621.1950544600.15258382791626902259.1522870456. Acesso em: 10 jan. 2019.

_____. Rio 2016. 2018. Disponível em: <https://www.olympic.org/rio-2016>. Acesso em: 07 ago. 2018.

COUBERTIN, Pierre de. *Olimpismo: Seleção de textos*. Lausanne: Comitê Internacional Pierre de Coubertin, 2015. Disponível em: <http://coubertin.org/docs/PdC-Olimpismo.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2019.

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. *Media Events: The Live Broadcasting of History*. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1994. eBook Kindle.

DURÁNTEZ, Conrado. *Jogos Olímpicos: 100 Anos de História*. Porto Alegre: Zero Hora, 1996.

EBC. *Cerimônias Rio 2016: Baixo Orçamento Será Compensado com Ousadia e Criatividade*, Afirmam Diretores. 2016. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/cerimonias-rio-2016-baixo-orcamento-sera-compensado-com-ousadia-e-criatividade-afirmam-diretores>. Acesso em: 05 out. 2018.

_____. *Rio Conclui Plantio de Mudanças na Floresta dos Atletas*. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/rio-conclui-plantio-de-mudas-na-floresta-dos-atletas#:~:text=A%20prefeitura%20do%20Rio%20de,durante%20a%20Olimpíada%20Rio%202016>. Acesso em: 10 out. 2020.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. 2. ed. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FILIPO, Leonardo. *Rio 2016: Cerimônia de Abertura terá Limitação de Espaço e de Orçamento*. 2015. Disponível em: globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2015/09/rio-2016-cerimonia-de-abertura-tera-limitacao-de-espaco-e-de-orcamento.html. Acesso em: 28 out. 2018.

FREIRE, Marcus Vinicius; RIBEIRO, Deborah. *Ouro Olímpico: A História do Marketing dos Aros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

G1. *Olimpíada: Cerimônia de Abertura da Rio 2016 Gera Memes na Web*. 2016. Disponível em: g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/olimpiada-cerimonia-de-abertura-da-rio-2016-gera-memes-na-web.html. Acesso em: 20 abr. 2020.

_____. *O Que Teve: a 1ª fase da Copa em fotos, GIFs e memes*. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/06/o-que-teve-1-fase-da-copa-das-copas-em-fotos-gifs-e-memes.html>. Acesso em: 06 abr. 2018.

- GIRGINOV, Vassil; PARRY, Jim. *The Olympic Games Explained: A Student Guide to the Evolution of the Modern Olympic Games*. London: Routledge, 2005.
- GLENDEENING, Barry. *World Cup 2014 opening ceremony - as it Happened*. 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2014/jun/12/world-cup-2014-live-brazil>. Acesso em: 02 out. 2018.
- GLOBO NEWS. *A Abertura da Olimpíada por Fernando Meirelles e Andrucha Waddington*. 2016. Disponível em: <https://globosatplay.globo.com/globonews/v/5229505/>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- GOLDBLATT, David. *The Games: A Global History of the Olympics*. London: Macmillan, 2016.
- GOVERNO DO BRASIL. 2016. *Cerimônias Rio 2016: Baixo Orçamento será Compensado com Ousadia e Criatividade Afirmam Diretores*. <http://www.rededoesporte.gov.br//pt-br/noticias/cerimonias-rio-2016-baixo-orcamento-sera-compensado-com-ousadia-e-criatividade-afirmam-diretores>. Acesso em: 06 abr. 2018.
- HARSS, Marina. *For This Choreographer, the Olympics Are the Zenith*. 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/08/08/arts/dance/deborah-colker-choreographer-rio-olympics-opening-ceremony-dance.html>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- HOGAN, Jackie. Staging The Nation: Gendered and Ethnicized Discourses of National Identity in Olympic Opening Ceremonies. *Journal of Sport and Social Issues*, [S.l.], v. 27, n. 2, p.100-123, maio 2003. Doi: <https://doi.org/10.1177/0193732502250710>.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um Conceito Antropológico*. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- LATTIPONGPUN, Wichian. The Origins of the Olympic Games' Opening and Closing Ceremonies: Artistic Creativity and Communication. *Intercultural Communication Studies*, [S.l.], v. 19, n. 1, p.103-120, 2010.
- LLINÉS, Montserrat. The History of Olympic Ceremonies: From Athens (1896) to Los Angeles (1984). An Overview. In: MORAGAS, Miquel de; MACALOON, John; LLINÉS, Montserrat (Ed.). *Olympic Ceremonies: Historical Continuity and Cultural Exchange*. Lausanne: The Olympic Museum, 1996. Cap. 2. p. 63-80.
- MCGOWAN, Tom. *Closing Ceremony: Rio Passes Olympic Flag to Tokyo (and Super Mario)*. 2016. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2016/08/21/sport/rio-olympics-closing-ceremony-tokyo/index.html>. Acesso em: 25 out. 2018.
- MEIRELLES, Fernando. *Como Serão as Cerimônias Rio 2016*. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=43&v=2Iyaq5wwuaE. Acesso em: 22 out. 2018.
- MESA, Gustavo. *Brasil Encanta o Mundo com a Cerimônia de Abertura da Olimpíada*. 2016. Disponível em: <https://esporte.band.uol.com.br/rio-2016/noticia/100000817646/brasil-encanta-o-mundo-com-abertura-das-olimpiadas.html>. Acesso em: 05 abr. 2020.
- MOREIRA, Claudia Regina Baukat Silveira; MEUCCI, Simone. *História do Brasil: Sociedade e Cultura*. Curitiba: Intersaberes, 2012.

MORSCH, Marco. *Rio 2016: uma Aula de Gestão em Deslumbrante Espetáculo*. 2016. Disponível em: www.administradores.com.br/artigos/negocios/rio-2016-uma-aula-de-gestao-em-deslumbrante-espetaculo/97284/. Acesso em: 25 out. 2018.

NIEMEYER, Felipe. *Pan 2007 do Rio Conquista Emmy de Melhor Figurino*. 2008. Disponível em: http://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/eventos/pan-2007-do-rio-conquista-emmy-de-melhor-figurino_38525.html. Acesso em: 09 out. 2018.

O2 FILMES. *Papo com Andrea #2 - Fernando Meirelles*. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iIDwkbewZgM>. Acesso em: 10 nov. 2018.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade Étnica, Identificação e Manipulação. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 6, n. 2, p.117-131, dez. 2003.

PAES, Eduardo. *É do Rio! Veja por que a Cidade foi Escolhida para Sedar os Jogos*. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=puyaP16Vsms>. Acesso em: 20 mar. 2019.

PINHEIRO, Antônio Carlos da Fonseca Bragança; CRIVELARO, Marcos. *História da Arte e do Design: Princípios, Estilos e Manifestações Culturais*. São Paulo: Érica, 2014.

RANGEL, Sérgio. *Eterna Candidata*. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2306200707.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

RIO 2016. *Media Guide Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016*. Rio de Janeiro. 2016.

_____. *Qual é a Música? Diretores Comentam Trilha Sonora da Cerimônia de Abertura*. 2016. Disponível em: www.rio2016.com%2Fnoticias%2Fqual-e-a-musica-diretores-comentam-trilha-sonora-da-cerimonia-de-abertura. Acesso em: 10 out. 2016.

SANTOS, José Luiz dos. *O Que É Cultura*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SILVA, Bruno de Oliveira da; TRICÁRICO, Luciano Torres; PEREIRA, Yára Christina Cesário. A Espectacularização de Identidades Nacionais em Cerimônias de Abertura dos Jogos Olímpicos. *Comunicação & Informação*, Goiânia, Goiás, v. 23, 2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.5216/ci.v23.66239>.

_____. O Desvelar Simbólico da Identidade Nacional na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. *Razón y Palabra*, [S. l.], v. 23, n. 105, p. 503-584, dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/1586>. Acesso em: 01 jan. 2023.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Jornal Nacional - Rio 2016 Escolhida Sede Olímpica em 2009*. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b7WA1tHaOR8>. Acesso em: 27 mar. 2019.

SWADDLING, Judith. *The Ancient Olympic Games*. 3. ed. Austin: University of Texas Press, 2015.

THOMAS, Daniela. *APCA 2016 Arquitetura Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos*. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C2WNFfjNsNA>. Acesso em: 08 nov. 2018.

_____. *Diretores da Cerimônia de Abertura Falam Sobre Preparativos e Baixo Orçamento*. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=30vImIQly2c>. Acesso em: 15 abr. 2019.

TOMLINSON, Alan. Olympic Spectacle: Opening Ceremonies and Some Paradoxes of Globalization. *Media, Culture & Society*, London, p.583-602, 01 out. 1996. Doi: <https://doi.org/10.1177/016344396018004005>.

USA TODAY. *Who Needs Money? Rio's Olympic Opening Ceremony Had a Conscience*. 2016. Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/sports/columnist/brennan/2016/08/05/rio-openingceremony/88326400/>. Acesso em: 10 jan. 2019.

VALENÇA, Alceu. *Abertura da Copa do Mundo*. 2014. Post do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/alceuvalencaoficial/posts/10152206050338107>. Acesso em: 25 out. 2018.

VEJA. *Rio-2016: Organizadores Prometem Abertura Criativa e Econômica*. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/rio-2016-organizadores-prometem-abertura-criativa-e-economica/>. Acesso em: 26 out. 2018.

VIVA - The Opening Ceremony Documentary of Rio 2016. Direção de Kayhan Lannes Ozmen. Rio de Janeiro: *Carioca Filmes*, 2017. (52 min.), son., color. Disponível em: <https://www.olympicchannel.com/en/films/detail/viva-the-opening-ceremony-documentary-of-rio-2016/film/viva-the-opening-ceremony-documentary-of-rio-2016/>. Acesso em: 10 out. 2018.

VOGUE. *Opening Ceremony Summer Olympics Rio 2016 Highlights*. 2016. Disponível em: <https://www.vogue.com/article/opening-ceremony-summer-olympics-2016-rio-highlights>. Acesso em: 05 abr. 2020.

WEILER, Ingomar. The predecessors of the Olympic movement, and Pierre de Coubertin. *European Review*, United Kingdom, v. 12, n. 3, p.427-443, 2004. Doi: <https://doi.org/10.1017/S1062798704000365>.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.